SOLETRAS REVISTA N. 50 – 2024.3 – TATIANE CRISTINA BECHER
GILMEI FRANCISCO FLECK

Ressignificações decoloniais da resistência autóctone feminina na história latino-americana: representações literárias de Anacaona

Tatiane Cristina Becher[1]
Gilmei Francisco Fleck[2]

Resumo: O gênero romance histórico, por meio das modalidades que apresentam um viés crítico/decolonial (Fleck, 2017), possibilita ressignificações literárias de personagens ocultadas ou subjugadas pela historiografia tradicional hegemônica europeia sobre a colonização da América (Aínsa, 1991; Esteves, 2010). Uma das figuras majoritariamente excluídas dos registros oficiais é Anacaona (Vallejo, 2015), cacica taína que vivia em Guanahaní, território insular que abriga, atualmente, as nações do Haiti e da República Dominicana. Apesar de não figurar nos anais da história ou no imaginário coletivo latino-americano de maneira significativa, Anacaona representa um símbolo de resistência feminina perante a colonização espanhola dos séculos XV e XVI, pois liderou seu povo até ser enforcada e ter sua comunidade dizimada pelos colonizadores hispânicos. Apresentamos, neste artigo, nossa análise comparativa de duas obras nas quais Anacaona é representada ficcionalmente: *Anacaona, Golden Flower* (2015), de Edwidge Danticat, e *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas. Resultado de uma pesquisa bibliográfica e documental, nesta escrita temos como objetivo demonstrar como a imagem dessa autóctone é ressignificada em diferentes diegeses, analisadas comparativamente com documentos da historiografia tradicional como *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), do frei Bartolomeu de Las Casas, e *De Orbo Novo* ([1530] 1912), do cronista Pietro Martire d'Anghiera. Apontamos, assim, para a potencialidade de ressignificação do passado dos romances históricos contemporâneo de mediação (Fleck, 2017), como projetos literários decoloniais.

Palavras-chave: Romance histórico contemporâneo de mediação; "Conquista" da América; Anacaona; estudos decoloniais.

Introdução

Os romances históricos inseridos nas modalidades críticas do gênero[3], que reconfiguram ou ressignificam personagens, acontecimentos e cenários já enunciados pelo discurso

[1] Professora Colaboradora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutoranda em Estudios Literarios pela Universidad de Vigo. Doutoranda em Letras (Linguagem e Sociedade) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestra em Letras (Linguagem e Sociedade) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduada em Letras (Inglês) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduado em Administração pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-3643-0446. E-mail: taati.becher@gmail.com.
[2] Professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com pós-doutoramento pela Universidad de Vigo. Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduado em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Graduado em Letras (Inglês) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-4228-2566. E-mail: chicofleck@gmail.com.
[3] Fleck (2017), ao estabelecer a trajetória diacrônica do gênero romance histórico, estabelece 5 modalidades destas escritas híbridas de história e ficção. Duas delas são consideradas acríticas pelo teórico: a modalidade clássica

historiográfico tradicional rankeano, possibilitam diferentes visões e versões para os discursos da história hegemônica sob a qual o passado da América foi consignado. Isso ocorre na literatura, por meio do cruzamento do discurso histórico e das premissas da ficção. Tais premissas buscam, hodiernamente, contemplar, também, a visão dos colonizados, explorados, escravizados e invisibilizados nas fontes consagradas pela historiografia tradicional.

Nesse sentido, a essência do romance histórico, independente da modalidade à qual se vincula, constitui-se como uma narrativa artística híbrida de história e ficção que, como defende Milton (1992a, p. 183), "[...] não invade as dependências alheias. Antes, apresenta-se, muitas vezes, como um especial colaborador que, ao conferir dimensão simbólica à história, enseja novas formas de reflexão, outras verdades, inesperadas iluminações". É justamente a possibilidade de explorar os "vazios" deixados pelos registros oficializados sobre o passado que a ficção pode lançar luzes outras sobre eventos, acontecimentos e personagens.

Nessa mesma linha de revisão do passado colonial americano, podemos mencionar os estudos decoloniais, surgidos no âmbito dos países antes colonizados pela Espanha na América. Eles têm ganhado relevância nas últimas décadas, a partir de teóricos como Enrique Dussel (1994), Aníbal Quijano (1992), Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel (2007), Walter Mignolo (2007, 2017), Catherine Walsh (2009), entre outros –, em especial, pela revisitação e ressignificação de diversas problemáticas histórico-sociais instauradas nas ciências sociais latino-americanas. Isso se dá, com muita frequência, em relação ao que, outrora, fora estabelecido como historiografia tradicional, segundo os paradigmas primeiros da ciência historiográfica, estabelecidos pelo alemão Leopold von Ranke, nas primeiras décadas do século XIX. Trata-se, no nosso caso, de uma construção discursiva proveniente do discurso hegemônico europeu sobre a época conhecida como o "descobrimento" e a "conquista" da América.

Há, no entanto, uma série de questões problemáticas sobre esse discurso histórico tradicional e seu caráter hegemônico, que se apoiou, restritamente, em materiais escritos pelos historiadores europeus, ou dos representantes do poder político e eclesiástico, da época da colonização e os considerou fontes autênticas, de forma que não se registrou a perspectiva daqueles que foram colonizados pelas potências europeias da época, fato que exclui dessa

scottiana e a tradicional que derivou da primeira ainda no período do Romantismo; e três delas são críticas: o novo romance histórico latino-americano, a metaficção historiográfica (como críticas/desconstrucionistas) e o romance histórico contemporâneo de mediação (como crítica/mediadora).

vertente histórica qualquer perspectiva alheia à dos colonizadores. Ocultavam-se, assim, nessas fontes documentais, as vivências dos integrantes das nações originárias que se enfrentaram com os invasores de suas terras, defendendo suas vidas, suas famílias e sua liberdade.

Na área da literatura, as narrativas híbridas de história e ficção ocupam-se desses questionamentos decoloniais, ao mesmo tempo em que as pesquisas sobre o romance histórico, a partir de um viés da descolonização das mentes, das identidades e do imaginário latino-americano, trazem à luz essas obras híbridas e a maneira como nelas se faz uso de estratégias escriturais para ressignificar a história, fixada nas fontes materiais, e a identidade americana, por séculos impregnada da essência colonial da unidade e pureza pretendida pelo processo colonialista.

Uma das poucas figuras históricas femininas representativas de liderança e enfrentamentos frente à colonização europeia na América foi uma das personagens majoritariamente ocultadas por esse discurso historiográfico tradicional: a cacica taína chamada Anacaona. Ela era uma nativa aborígene que foi enforcada e teve grande parte de sua comunidade dizimada, em 1503, pelos exploradores espanhóis. O contingente de exploradores, praticamente, exterminou a população nativa da ilha de Guanahaní/ "*La Española*"[4], em expedições que garantiram o domínio desse território para a coroa espanhola durante o processo de colonização da América, iniciado em 1492, quando Cristóvão Colombo aportou nessa ilha, pela primeira vez, em sua tentativa pioneira de chegar às Índias pela via Oeste. A pesquisadora Catharina V. de Vallejo (2015) detalha que

> […] a la muerte de su hermano (suceso del que no se tiene detalles), Anacaona, ya cacica de Maguana por la muerte de Caonabo, también llega a ser cacica de Xaragua – otro gran evento de su vida, sin duda, aunque tampoco quedan fuentes documentales de ello[5] (Vallejo, 2015, p. 24).

Nos registros da historiografia tradicional hegemônica, temos os escritos de Pietro Martire d'Anghiera, o primeiro cronista/historiador a se referir ao continente americano como o "Novo Mundo". O cronista descreve, em *De Orbo Novo* ([1530] 1912), os primeiros contatos

[4] A ilha de Guanahaní foi batizada de "*La Española*", por Colombo, em 1492, e abriga, atualmente, o território insular das nações do Haiti e da República Dominicana.

[5] Nossa tradução: Com a morte de seu irmão (fato sobre qual não temos detalhes), Anacaona, já chefe de Maguana pela morte de Caonabó, torna-se também chefe de Xaraguá – outro grande acontecimento de sua vida, sem dúvida, embora não haja fontes documentais sobre ele (Vallejo, 2015, p. 24).

entre nativos autóctones e estrangeiros europeus na América. Em seus registros, Anacaona é apresentada como a "ex-esposa de Caonabó, rei de Cibao, [...] graciosa, inteligente e prudente" (Anghiera [1530] 1912, p. 123). Anghiera ([1530] 1912) afirma que a cacica havia aprendido a lição com o exemplo da morte de seu marido e, por isso, persuadiu seu irmão a se submeter aos cristãos.

Temos, nesse registro, uma das primeiras construções ideológicas de Anacaona como uma mulher pacificadora e submissa aos colonizadores espanhóis. Cabe reiterar que, apesar da descrição dedicada à cacica taína, Anghiera ([1530] 1912) não faz referência ao assassinato da líder taína e de seu povo, diferentemente da ação escritural de frei Bartolomeu de Las Casas, que produziu um dos únicos registros da historiografia tradicional que descreve o massacre de Xaraguá. Em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011) e *História de las Indias* ([1875] 1957), Las Casas diverge dos outros documentos oficializados e denuncia os maus tratos sofridos pelos nativos em decorrência das campanhas colonizadoras nos séculos XV e XVI. O relato de Las Casas é o único registro da história tradicional oficializada, escrita por navegantes e cronistas europeus, em que encontramos alusão ao enforcamento de Anacaona e mais detalhes sobre o extermínio de sua comunidade pelos espanhóis.

Para estabelecermos como a literatura hodierna, de cunho decolonial, lança luzes sobre esses ocultamentos do passado nos registros oficializados, apresentamos, neste artigo, a análise comparativa de duas obras que ficcionalizam a figura de Anacaona na literatura: *Anacaona, Golden Flower* (2015), de Edwidge Danticat, e *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas. Nossa análise é resultado de uma pesquisa doutoral, de viés bibliográfico e documental, inserida no contexto do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL – da Unioeste/Cascavel-PR, em regime de cotutela com a Universidade de Vigo – UVigo/Espanha.

A resistência autóctone e a valorização do feminino na obra *Anacaona, Golden Flower* (2015), de Edwidge Danticat

Para apresentar a história de Anacaona, a obra *Anacaona, Golden Flower* (2015), de Edwidge Danticat, estabelece o registro dos dias com base em um calendário lunar de 21 dias. A narrativa da obra é apresentada, portanto, na forma de diário, por meio de uma voz autodiegética, em nível intradiegético (consoante a Genette, 2007), pela narração da própria personagem Anacaona. Sendo a autora, haitiana/estadunidense, o romance foi publicado originalmente em língua inglesa.

A diegese inicia na "*tobacco harvest season first quarter moon, day 1*[6]" (Danticat, 2015, p. 5), com a apresentação da personagem principal: "*I am Anacaona. In my language, the Taíno language, ana means 'flower' and caona means 'golden'. Thus I am called the 'golden flower'*[7]" (Danticat, 2015, p. 5). O relato híbrido apresenta alguns episódios rotineiros da vida dessa mulher taína, como seus afazeres diários, trabalhos na plantação e descrições de Xaraguá, reino onde vive. Anacaona posiciona-se, sempre, como uma mulher que reconhece sua força, seus direitos e deveres perante seu povo. A personagem reforça seu lugar de existência, mesmo diante de um matrimônio, o qual apenas aceitaria se isso não a destituísse dessa posição de liderança que possui.

Esse posicionamento consciente da personagem reforça sua configuração como uma mulher livre para fazer suas escolhas, que não está submissa a uma figura masculina e não depende de nenhum homem para sobreviver. Tal construção ficcional discursiva é reforçada ao longo de toda a diegese. Um dos exemplos que pode ser mencionado é a cena em que Caonabó, cacique com o qual Anacaona decide casar-se, pede que alguns de seus homens vigiem Anacaona para que nenhum mal lhe aconteça, e a cacica, quando toma conhecimento, afirma: "*I thought this very insolente of their chief. Haven't I lived my whole life without his protection? What made him think I would need it now?*[8]" (Danticat, 2015, p. 75).

[6] Nossa tradução: Temporada de colheita do tabaco, primeiro quarto minguante, dia 1 (Danticat, 2015, p. 5).
[7] Nossa tradução: Eu sou Anacaona. Na minha língua, a língua taína, *ana* significa "flor" e *caona* significa "dourada". Por isso sou chamada de "flor dourada" (Danticat, 2015, p. 5).
[8] Nossa tradução: Achei isso muito insolente da parte do chefe deles. Não vivi toda a minha vida sem a proteção dele? O que o fez pensar que eu a necessitaria agora? (Danticat, 2015, p. 75).

A personagem é construída, ao longo de toda a diegese, como esse símbolo de resiliência e independência feminina, inclusive quando os "homens brancos" chegam a Guanahaní e começam a ameaçar seu povo. Anacaona, junto a seu marido Caonabó e seu irmão Behechio, planejam um ataque ao grupo de invasores, no qual o povo taíno sai vitorioso. A cacica expressa seu desejo de que a história dos taínos continue sendo ouvida pelas próximas gerações, não somente pelos combates que travaram, conforme vemos no excerto a seguir:

> [...] I did not want our battle with the pale men to become the only story our people would ever recite from now on. For we had other stories, too, happy as well as sad ones. Our encounter with the pale men was only a small piece of that story. Surely an important piece, but not the most important (Danticat, 2015, p. 155).

Com esse pedido, a diegese finaliza, enfatizando a importância de valorizarmos as culturas ancestrais de diferentes povos, como a dos taínos. Essa atitude reflete o posicionamento decolonial da obra e dialoga com os pressupostos de Castro-Gómez e Grosfoguel (2007). Segundo os autores, o conceito de modernidade/colonialidade ancora-se em uma reestruturação, decolonização ou pós-ocidentalização das ciências sociais, área de estudos que ainda não encontrou uma maneira de incorporar saberes provenientes de culturas subalternizadas. Sem isso, não existirá qualquer tipo de decolonização do conhecimento para além do ocidentalismo. Em suas palavras, "*la cumplicidade de las ciencias sociales con la colonialidad del poder exige la emergencia de nuevos lugares institucionales y no institucionales desde donde los subalternos puedan hablar y ser escuchados*[9]" (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21).

Segundo os autores, o conceito de modernidade/colonialidade ancora-se em uma reestruturação, decolonização ou pós-ocidentalização das ciências sociais, área de estudos que ainda não encontrou uma maneira de incorporar saberes provenientes de culturas subalternizadas. Sem isso, não existirá qualquer tipo de decolonização do conhecimento para além do ocidentalismo. Em suas palavras, "*la cumplicidade de las ciencias sociales con la colonialidad del poder exige la emergencia de nuevos lugares institucionales y no*

[9] Nossa tradução: A cumplicidade das ciências sociais com a colonialidade do poder exige o surgimento de novos lugares institucionais e não institucionais de onde o subalterno possa falar e ser ouvido (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21).

institucionales desde donde los subalternos puedan hablar y ser escuchados[10]" (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21). Consideramos, pois, o espaço representacional da arte literária um desse privilegiados "lugares de expressão", no qual o passado pode ser ressignificado por meio da exposição de visões outras, vivências subalternizadas, perspectivas oriundas das margens que iluminam aquilo que os registros oficializados deixaram na obscuridade.

Ao final da obra, há um epílogo, narrado por uma voz heterodiegética, no nível extradiegético, que se volta ao material histórico sobre a colonização de Guanahaní pelos espanhóis, segundo os registros da historiografia tradicional, conforme lemos:

> Unfortunately, this was not the last that Anacaona saw of the Spanish invaders. A few months later, their supreme leader, Christopher Columbus, returned from Spain with seventeen ships, 1700 men, ammunition, hunting dogs, and horses. In revenge for the attack on Columbus's settlement in Chief Guacanagarí's territory – a settlement the Spaniards had named La Navidad (The Nativity), since it was established on Christmas Day – Chief Caonabó was captured by Columbus's men[11] (Danticat, 2015, p. 157).

A amálgama de material ficcional e histórico construída na obra de Danticat (2015) sobre o período da colonização evidencia as pretensões decoloniais desse projeto literário. Segundo Mignolo (2007b, p. 30), "*el pensamiento decolonial tiene como razón de ser y objetivo la decolonialidad del poder (es decir, de la matriz colonial de poder)*[12]". No século XXI, obras como a que analisamos reforçam esse pensamento decolonial e, por conseguinte, rompem com ideologias colonialistas que continuam mantendo matrizes centralizadoras do poder, até os dias de hoje, nas mentes, nas identidades e no imaginário de muitas nações latino-americanas.

Com base em nossa análise, classificamos a obra de Danticat (2015), como um romance histórico contemporâneo de mediação, pois apresenta as características postuladas por Fleck (2017) como pertencentes a essa modalidade. Sua diegese é construída a partir de um

[10] Nossa tradução: A cumplicidade das ciências sociais com a colonialidade do poder exige o surgimento de novos lugares institucionais e não institucionais de onde o subalterno possa falar e ser ouvido (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21).
[11] Nossa tradução: Infelizmente, esta não foi a última vez que Anacaona viu os invasores espanhóis. Poucos meses depois, seu líder supremo, Cristóvão Colombo, retornou da Espanha com dezessete navios, 1.700 homens, munições, cães de caça e cavalos. Em vingança pelo ataque ao forte de Colombo no território do cacique Guacanagarí – assentamento que os espanhóis chamavam *de La Navidad* (A Natividade), por ter sido estabelecido no dia do natal – o cacique Caonabó foi capturado pelos homens de Colombo (Danticat, 2015, p. 157).
[12] Nossa tradução: O pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo a decolonialidade do poder (isto é, da matriz colonial do poder) (Mignolo, 2007b, p. 30).

posicionamento crítico e decolonial com relação à história da colonização da América, o que caracteriza uma releitura crítica verossímil do passado, a qual, para Fleck (2017), reforça a autenticidade do material histórico da obra e apresenta visões periféricas dos acontecimentos.

Ressaltamos a importância singular da obra de Danticat (2015) haver sido o único romance encontrado sobre a história de Anacaona e seu povo taíno que foi escrito em língua inglesa. Outras obras, às quais tivemos acesso, são escritas em língua espanhola e não possuem tradução a outras línguas. Não há, ainda, uma obra em língua portuguesa sobre a trajetória dessa líder taína, ainda que ela tenha sido uma das únicas mulheres nativas líder na história da colonização do continente americano.

A inexistência de obras ou traduções em língua portuguesa que evidenciem os feitos e, até mesmo, a existência dessa figura feminina de resiliência reflete a contínua necessidade de expansão dos estudos decoloniais sobre essa temática, em busca de uma maior compreensão sobre a história da América e, em especial, para evidenciar personagens participantes dessa história, mas que tiveram suas memórias e culturas majoritariamente silenciadas. Evidencia-se, dessa maneira, o potencial das obras híbridas de história e ficção – romances históricos – como vias à implementação do pensamento decolonial nas ex-colônias latino-americanas. Vejamos, a seguir, como essa potencialidade se confirma ao examinarmos mais um romance que ressignifica o passado colonial do Caribe.

As representações ficcionais da mulher autóctone na obra *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas

A obra *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas, amalgama personagens e acontecimentos históricos e fictícios, e ficcionaliza as vivências da autóctone Anacaona, figurando-a como uma grande líder taína, que assumiu o comando de seu povo e resistiu aos feitos coloniais, até ser estuprada e morta pelos colonizadores. A personagem Anacaona é exaltada, ao longo da diegese, por sua beleza, inteligência e atitude de liderança. Apesar de seus intentos para manter uma relação amigável com os espanhóis, o discurso romanesco evidencia que a ambição desses homens para dominar não apenas territórios, mas,

também, outros povos – e outros corpos, como o de Anacaona – fez com que a destruição e o massacre se instaurassem nas relações entre nativos e exploradores.

A obra de Rojas é composta por 47 capítulos, entre os quais a voz enunciadora do discurso se alterna. Um dos eixos é narrado por uma voz heterodiegética, no nível extradiegético segundo as definições de Genette (2007), ou seja, uma voz narrativa que não participa da história contada como uma personagem e que narra as ações do relato, portanto, em terceira pessoa, e o outro eixo concentra-se na voz enunciadora da personagem de extração histórica frei Ramón Paner. Essa personagem de extração histórica foi um frade catalão, da Ordem de São Jerônimo, que acompanhou Cristóvão Colombo em sua segunda viagem à ilha de Guanahaní/ "*La Española*", em 1494, com a tarefa de compilar as crenças e os costumes dos povos indígenas do lugar.

O eixo extradiegético, narrado por uma voz heterodiegética, relata os acontecimentos a partir da perspectiva das vivências dos nativos da ilha. Isso significa que, na obra de Rojas, a voz desses nativos não é reproduzida não há um narrador nativo que se expressa em voz autodiegética ou homodiegética, ou seja, sua história é contada a partir de uma outra voz. Contudo, a voz enunciadora da ficção não age como aquela que se perpetuou na história tradicional, pois, na escrita dos documentos reconhecidos pela historiografia tradicional, a enunciação é, exclusivamente, europeia, sem inserções de discurso direto ou indireto livre que dariam espaço à manifestação da voz de outros que não fossem aqueles engajados nos trabalhos de escrita e de transcrição que serviam aos interesses expansionistas das cortes europeias.

Essa opção de relatar as vivências do povo taíno ágrafo por uma voz não demarcada pode representar, no projeto decolonial do romance, a necessidade de que nós, leitores, precisamos voltar a "contar" o passado, como faziam as antigas civilizações originárias da América, fora do espaço da escrita, no qual se manifesta a outra linha narrativa do romance, comandada pela voz espanhola assinalada de frei Ramón, metaforicamente simbolizando a "historiografia", afirmada na escrita. Assim, na contemporaneidade, a oralidade ancestral pode dividir o espaço expressivo com a escrita da "modernidade".

Na diegese de Rojas (2017), a imagem da personagem Anacaona é construída como apaziguadora de desavenças, pacificadora, uma das construções ideológicas arquitetadas ao longo dos 500 anos de ideologização sobre sua figura, apontada por Vallejo (2015). Segundo a autora, Anacaona conseguiu estabelecer relações minimamente cordiais entre os colonizadores

e sua comunidade taína, até ter seu povo dizimado por esses exploradores, e suas construções ficcionais reforçam as ideologizações construídas sobre essa mulher taína, cuja imagem foi reconfigurada a partir de discursos antagônicos, com propósitos específicos. Podemos ver essa construção no seguinte excerto, no qual Anacaona indaga seu marido, Caonabó, sobre a possibilidade de que os estrangeiros que haviam chegado a Guanahaní talvez não fossem inimigos:

> Gran Caonabó, ¿no habéis pensado ni por un momento que quizá Guacanagarí tenga razón y que esos hombres no sean los enemigos que decís, sino un pueblo amigo con quien crecer de la mano? Vos mismo afirmasteis que al verlos llegar os escondisteis y les atacasteis se acercó Anacaona[13] (Rojas, 2017, p. 94).

Além dessa imagem da mulher pacificadora, a personagem Anacaona é construída em torno de algumas características principais: sua atitude de liderança, sua serenidade e, principalmente, sua beleza, o que, por vezes, ao longo da diegese, representa uma objetificação de seu corpo perante personagens masculinas. Nessa diegese, ela acaba sendo, inclusive, sexualmente abusada por uma das personagens dos colonizadores, que cobiça seu corpo desde o primeiro momento em que a vê.

Essa representação ficcional não difere das palavras de Federici (2017, p. 378) sobre os relatos do que aconteceu na colonização da América: “Na fantasia europeia, a América em si era uma mulher nua, sensualmente reclinada em sua rede, que convidava o estrangeiro branco a se aproximar”. As vozes femininas silenciadas ao longo da história, como a de Anacaona, representam a persistência dessa luta contra o controle exercido sobre os corpos das mulheres, que perpassa séculos, culturas distintas, gerações e perdura até os dias atuais.

Podemos ver essa construção da personagem no seguinte trecho, proferido pela personagem frei Paner:

> No atrevime a decir una sola palabra que estuviera a la altura de las de Anacaona, mujer prudente y entendida, amén de portadora duna hermosura que todavía hacía temblar las palabras en boca del sevillano y que hacíame

[13] Nossa tradução: – Grande Caonabó, você não pensou por um momento que, talvez, Guacanagarí tenha razão e que esses homens não sejam os inimigos que você diz, mas um povo amigo com o qual crescer de mãos dadas? Você mesmo afirmou que quando os viu chegar escondeu-se e os atacou – Anacaona aproximou-se (Rojas, 2017, p. 94).

> voltear la vista cuando hablaba con ella para no fijarla en las redondeces de su cuerpo[14] (Rojas, 2017, p. 392-393).

Ao longo do romance de Rojas (2017), vemos essa ideologização construída em torno da personagem de Anacaona, de mulher pacificadora, sábia e de inigualável beleza, que se faz aparente no excerto apresentado, pelas próprias palavras da personagem, que intentam estabelecer a paz, evitar confrontos e mortes que só trazem sofrimento, e pelas palavras do frei, que não considera qualquer resposta sua à altura das palavras de Anacaona e enfatiza a beleza da autóctone, referindo-se, especificamente, à de seu corpo.

Ao longo da diegese, muitos confrontos e batalhas são travados entre os exploradores hispânicos e os nativos taínos, culminando no massacre de Xaraguá, um dos reinos taínos de Guanahaní/"*La Española*", e posterior enforcamento de sua líder, Anacaona. Rojas (2017) descreve, em seu relato fictício, o extermínio desses taínos que ali habitavam, os quais foram levados à uma grande cabana, à qual os colonizadores espanhóis atearam fogo, conforme lemos em:

> En unos segundos, un humo intenso negro como la muerte elevóse al cielo de Yaguana envuelto en gritos de terror infinitos. La cabaña, que parecía que iba a deshacerse de la presión de los que en ella hacinábanse, era pasto de las llamas y de los tiros de flechas de los arqueros y ballesteros que el gobernador había dispuesto a su alrededor. […] Vi cómo los cuerpos ennegrecidos que salían por los huecos que el fuego dejaba eran masacrados por flechas, y vi cómo la vida consumíase en los pocos minutos que duró el exterminio[15] (Rojas, 2017, p. 406-407).

Essa reconstrução ficcional remete ao evento descrito por Las Casas como o massacre de Xaraguá. Bartolomeu de Las Casas (1474/1484 -1566) foi um frade dominicano espanhol, considerado um defensor dos habitantes originários de nossas terras, que escreveu *Brevísima*

[14] Nossa tradução: Não ousei dizer uma única palavra que cabia às de Anacaona, mulher prudente e sábia, além de portadora de beleza que ainda fazia as palavras tremerem na boca do sevilhano e que me fazia virar os olhos quando falava para ela para não olhar nas curvas do seu corpo (Rojas, 2017, p. 392-393).

[15] Nossa tradução: Em poucos segundos, uma intensa fumaça negra como a morte subiu ao céu de Xaguará, envolta em infinitos gritos de terror. A cabana, que parecia que ia explodir da pressão dos que nela se amontoavam, era alimentada pelas chamas e pelas flechas dos arqueiros e atiradores que o governador havia colocado em volta dela. […] Vi como os corpos enegrecidos, que saíam pelas brechas deixadas pelo fogo, foram massacrados por flechas, e vi como a vida foi consumida nos poucos minutos que durou o extermínio (Rojas, 2017, p. 406-407).

relación de la destrucción de las Indias ([1552] 2011)[16] e *Historia de las Indias* ([1875] 1957), registros que apresentam suas vivências junto aos exploradores espanhóis, inclusive, nos primeiros contatos que tiveram com os nativos americanos no período da "conquista" e colonização. Vemos, no trecho apresentado a seguir, a relato de Las Casas sobre o genocídio da comunidade taína de Xaraguá:

> Aquí llegó una vez el gobernador que gobernaba esta isla con sesenta de caballo y más trecientos peones, que los de caballo solos bastaban para asolar a toda la isla y la tierra firme, y llegáronse más de trecientos señores a su llamado, seguros, de los cuales hizo meter dentro de una casa de paja muy grande los más señores por engaño, y metidos les mandó poner fuego y los quemaron vivos. A todos los otros alancearon y metieron a espada con infinita gente, y a la señora Anacaona, por hacelle honra, ahorcaron[17] (Torrejón, [1552] 2011, p. 28).

Os registros de Las Casas apresentam a perspectiva mais divergente com relação a outros documentos que apresentam testemunhos de sujeitos participantes das expedições de colonização europeia em território americano. Isso por ser um dos únicos registros provenientes de uma testemunha dessas viagens à América que retratam, com detalhes, vários dos massacres de nativos realizados pelos colonizadores europeus.

Consideramos o romance de Rojas (2017) como um romance histórico contemporâneo de mediação, pois apresenta uma releitura crítica verossímil da histórica de Anacaona – uma personagem marginalizada, menosprezada, subjugada pelos registros da história tradicional, escrita pelos cronistas e historiadores europeus sobre as empreitadas colonizadoras na América –, além de instaurar uma narrativa linear. Conforme verificamos pelos excertos da obra analisados, Rojas (2017) apresenta-nos essa releitura da história a partir de uma linguagem hodierna, fluída e coloquial, a qual se aproxima da linguagem empregada por seus leitores, conforme os pressupostos de Fleck (2017) sobre o romance histórico contemporâneo de mediação.

[16] Utilizamos a obra *Brevísima relación de la destrucción de las* Indias (1552), editada por José Miguel Martínez Torrejón, publicada em 2011.

[17] Nossa tradução: Certa vez, aqui chegou o governador que governava esta ilha, com sessenta cavaleiros e mais trezentos peões, sendo que apenas os que estavam a cavalo bastavam para destruir toda a ilha e o continente, e mais de trezentos chefes vieram ao seu chamado, seguros, os quais ele mandou colocar a maioria dentro de uma casa de palha muito grande por engano e, quando eles entraram, ordenou que ateassem fogo e os queimassem vivos. A todos os outros alancearam e mataram muita gente com a espada, e a chefe, Anacaona, para honrá-la, enforcaram (Torrejón, [1552] 2011, p. 28).

A criticidade do romance de Rojas (2017) possibilita reinstaurar, no imaginário de seus leitores, a importância de figuras como Anacaona na história da América, por ter sido uma representação de liderança, resistência e resiliência feminina, que foi, majoritariamente, excluída e manipulada nos registros oficializados sobre a história americana. Segundo Vallejo (2015, p. 30), "*las creaciones literarias en torno de Anacaona nos presentan con mucho más 'hecho' sobre su vida que los pocos datos que se tenían de los cronistas, y así las construcciones discursivas son mayores que la 'historia' ofrecida por las crónicas*[18]".

É por isso que ressignificações literárias críticas, como o romance de Rojas (2017), agem a favor da descolonização/decolonização do pensamento latino-americano e operam "como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados" (Mignolo, 2017, p. 2), assim como outros romances históricos contemporâneos de mediação também o fazem. Esse processo de desconstrução do pensamento colonizado é compreendido como necessário, pois ainda perdura na construção identitária latino-americana, decorrente dessa história tradicional unilateral perpetuada sobre a história de nosso continente, escrita univocamente por aqueles que se declararam "conquistadores" desse território.

Mulher, autóctone, líder, guerreira, vítima, pacificadora, resiliente: as ideologizações criadas em torno da imagem de Anacaona na literatura

A possibilidade de ressignificar participantes da história, no universo ficcional, é de especial importância para as mulheres que, assim como Anacaona, foram perspectivadas por uma escrita alheia e imperativa, como aconteceu com muitos sujeitos marginalizados pela historiografia tradicional sobre a colonização dos territórios americanos, africanos e asiáticos pelas metrópoles europeias. Vallejo (2015) evidência, sobre a personagem à qual nos voltamos neste artigo, que

[18] Nossa tradução: [...] as criações literárias em torno de Anacaona nos apresentam muito mais "fatos" sobre sua vida do que os poucos dados disponíveis dos cronistas, e assim, as construções discursivas são maiores do que a "história" oferecida pelas crônicas (Vallejo, 2015, p. 30).

> […] en toda la información que tenemos, se trata de una 'representación' de Anacaona; de ella no tenemos nada que nos haya sido legado de manera directa; siempre han sido 'otros' que la han retratado y representado, casi exclusivamente hombres, y hombres de la cultura que la extinguió y masacró su raza – retratos siempre creados también para 'otros'[19] (Vallejo, 2015, p. 29).

É por isso que pesquisas como a de Vallejo (2015) e nosso estudo intentam reconfigurar esse passado unilateral eurocentrista e falocêntrico. Fazemos isso com a pretensão de reconstruir imagens de mulheres dominadas física e/ou ideologicamente por atitudes e discursos masculinos, como aconteceu com Anacaona e tantas outras mulheres ao longo da história. Nesse intento, apontamos o potencial descolonizador de produções literárias que dão espaço a essas mulheres e o pensamento decolonial que delas emana quando se pensa na situação histórica dos nativos americanos no processo de colonização do continente e, mais ainda, da mulher nativa nesse contexto. Outro fator motivador deste estudo é o fato de que,

> [...] quando o discurso histórico tradicional refere-se a um nativo ou a um escravizado no contexto da América, esse sujeito é sempre retratado sob a configuração do bárbaro que impedia a implementação do "progresso" e da "civilidade" no espaço colonizado. Exemplos claros disso são os nativos que se enfrentaram com os colonizadores europeus, como o fizeram Caonabó e Anacaona, no Caribe, Sepé Tiaraju, no Sul do Brasil, entre tantos outros; ou os escravizados que não se renderam às agruras desumanas da exploração das mentes e dos corpos, como ocorreu com os quilombolas – muito bem representados por Zumbi e Dandara dos Palmares, por exemplo. Qual foi o fim de todos eles? Nada difícil de responder: foram "derrotados" pelas forças "civilizatórias", "modernizantes" e "evangelizadoras" e levados à norte (Fleck, 2023, p. 25).

Apesar de haver sido, majoritariamente, ocultada dos registros da historiografia tradicional europeia, a imagem de Anacaona ganha espaço para ser revisitada e ressignificada a partir da literatura. A ficcionalização dessa personagem nos romances históricos apresentados neste artigo apresenta pontos de convergência e de divergência. As duas obras, de Danticat (2015) e de Rojas (2017), reforçam a imagem criada da cacica taína como uma mulher

[19] Nossa tradução: Toda a informação que temos se trata de uma 'representação' de Anacaona; não temos nada dela que tenha chegado até nós diretamente; sempre foram 'outros' que a retrataram e representaram, quase exclusivamente homens, e homens da cultura que a extinguiu e massacrou sua raça – retratos sempre criados também para 'outros' (Vallejo, 2015, p. 29).

pacificadora, assim como o fazem registros da historiografia, como os de Anghiera ([1530] 1912, p. 123).

Na retórica da modernidade/civilidade (Mignolo, 2017), que implementou a colonização na América Latina, referências feitas aos habitantes originários eram realizadas para demonstrar o poder colonizador, subjugador e explorador dos sujeitos europeus. Não cabia nesse espaço discursivo, mas também político, de auto exaltação, menções a opositores que chegaram a constituir-se em grandes opositores, mesmo estando em grande desvantagem tecnológica nos enfrentamentos com os colonizadores. Isso era mais inconcebível ainda quando esse opositor à altura se tratasse de uma mulher, como foi o caso de Anacaona. Por esse motivo as referências a ela, nos registros oficializados, são ínfimas, relacionadas à sua relação com os valentes homens opositores dos espanhóis: o cacique Caonabó, seu marido, e o valente guerreiro Behechio, seu irmão – outro sujeito nativo resistente e resiliente que foi morto em circunstâncias que a historiografia desconhece.

O discurso historiográfico tradicional rankeano sobre a colonização da América – que não dá às mulheres resistentes o seu devido lugar – revela a essência da própria retórica da modernidade/civilidade: "uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a 'colonialidade'" (Mignolo, 2017b, p. 2). Na essência dessa retórica colonialista,

> [...] os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e consequentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (Quijano, 2005, p. 118).

Nesse sentido, é compreensível que os registros oficializados de Anghiera ([1530] 1912), prefiram apontar para a autóctone Anacaona como uma mulher pacificadora, que se submetia aos colonizadores espanhóis após ter seu marido e seu irmão assassinados, ao invés de configurá-la como uma cacica estrategista, resistente, humanitária, que buscava preservar a vida dos habitantes de seu reino, sabendo do potencial destruidor das ferramentas manejadas

pelos colonizadores, desde cavalos, cães, espadas e armas de fogo, desconhecidos todos do universo taíno.

Os romances de Danticat (2015) e de Rojas (2017) diferem-se entre si com relação ao protagonismo de Anacaona. Na obra de Danticat (2015), a líder taína pode ser considerada personagem protagonista, o que se justifica não apenas pela escolha da voz narrativa autodiegética dessa personagem, mas, também, por suas ações, perspectivas e relatos, que situam sua figura sempre no primeiro plano da diegese. A obra de Rojas (2017), porém, apesar de receber o próprio nome da cacica como título, constrói um relato ficcional no qual Anacaona divide o protagonismo com outras figuras, majoritariamente masculinas, como Caonabó, o frei Ramón Paner e Cristóvão Colombo. Em Rojas (2017), um dos eixos narrativos principais é narrado em um nível intradiegético e protagoniza os relatos autodiegéticos da personagem Ramón Paner, que conta suas experiências desde sua viagem ao "Novo Mundo", suas vivências na *Isla de Ahíti/La Hispaniola* (nomenclatura utilizada no romance para o território de Guanahaní/"*La Española*"), até a sua morte no Monastério de *San Jerónimo de la Murtra* – cena que caracteriza o marco inicial e final da diegese. O segundo eixo narrativo de Rojas (2017), narrado em nível extradiegético, por uma voz heterodiegética, protagoniza as ações de Anacaona e de seu marido Caonabó. Não é possível, portanto, considerar Anacaona como a protagonista dessa obra, apesar de ela figurar como uma dessas personagens principais do romance.

Por outro lado, a obra de Rojas (2017) denuncia a violência contra a mulher autóctone na América colonial, descrevendo a cobiça dos homens perante as nativas e o estupro de Anacaona pela personagem Alonso de Ojeda. A narrativa de Danticat (2015), porém, não apresenta denúncias a esse tipo de violência às mulheres nativas do continente, sobre a qual existem alguns registros na historiografia oficializada, como os do frei Bartolomeu de Las Casas. A voz narrativa desse romance apenas levanta a questão desigual da possibilidade dos homens taínos serem casados com mais de uma esposa – Anacaona seria uma das esposas de Caonabó, e não a única. O contrário, no entanto, não é representado; ou seja, não há a criação ficcional de uma personagem mulher que tenha mais do que um marido. Esse seria um direito exclusivo dos homens.

As manipulações verificadas nos documentos da história tradicional nos mostram que os exploradores, cronistas e eclesiásticos que escreviam sobre o "Novo Mundo" intentavam

apagar a cultura de civilizações como a dos taínos, com a premissa de que seria possível (e, inclusive, aconselhável) impor a doutrina religiosa e a língua ibérica a esses nativos, os quais, segundo alguns registros da historiografia eurocentrista, como os de Colombo, não possuíam uma religião própria e estavam dispostos a acatar o código linguístico do estrangeiro. Os romances de Danticat (2015) e Rojas (2017) apresentam heteroglossias por meio de vocábulos provenientes de línguas taínas, como "búcio/bohíque", que se assemelha à figura de um sacerdote; "zemí/cemíe", representações de espíritos, deuses, fenômenos da natureza ou personalidades; "areyto/areíto", histórias e poemas como as que Anacaona compunha e cantava; "caney", uma casa grande destinada ao(à) chefe(a), dentre outras. Os dois romances apresentam, também, dialogias que constroem enfrentamentos ideológicos entre diferentes discursos, como o discurso dos navegantes, soldados, eclesiásticos e monarcas hispânicos – registrado e propagado pela história tradicional – e o das populações aborígenes americanas – majoritariamente silenciado e ocultado nos registros oficializados, e que busca maneiras de resistir até os dias de hoje.

As estratégias escriturais presentes nos romances históricos contemporâneos de mediação analisados neste artigo reforçam a importância de leituras decoloniais como estas, que possibilitam ao seu leitor uma consciência mais ampla sobre perspectivas e personagens previamente removidos do discurso historiográfico tradicional, mas que fazem parte da história de nosso continente.

Considerações finais

Apresentamos, neste artigo, a análise comparativa de dois romances históricos contemporâneos de mediação: *Anacaona, Golden Flower* (2015), de Edwidge Danticat, e *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas. Essas duas obras reconfiguram a imagem de Anacaona, cacica taína de Guanahaní/"*La Española*", que foi enforcada e teve sua comunidade dizimada pelos colonizadores espanhóis no século XVI. Essa nativa simboliza a resistência e resiliência feminina autóctone perante a exploração hispânica no continente americano. Porém, sua imagem foi subjugada dos registros da historiografia

tradicional hegemônica escrita pelos cronistas e exploradores europeus. É na literatura que essa personagem histórica encontra espaço para ser ressignificada pelo universo ficcional.

Os romances de Danticat (2015) e de Rojas (2017) recriam a história dessa cacica a partir de um viés crítico/decolonial, representando-a como uma guerreira forte, resistente, que teve um papel significativo ao tentar defender seu povo dos abusos perpetuados pelos colonizadores hispânicos em terras taínas, mas foi derrotada e assassinada por esses invasores. Apesar das diferenças entre as duas obras, ambas diegeses representam projetos decoloniais construídos pela amálgama de material histórico e fictício sobre as muitas lacunas do que hodiernamente se conhece dessa líder taína. As duas leituras, uma em língua inglesa, e outra em língua espanhola, possibilitam que a unilateralidade do discurso histórico oficializado por tantos séculos continue sendo questionada, e que o imaginário da identidade latino-americana seja ressignificado, mesmo dentro do próprio continente, em países como o Brasil, que não dispõem, ainda, sequer do acesso a obras ou traduções que figurem a imagem de Anacaona em língua portuguesa.

Referências

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (org.). *El giro decolonial*: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Central, 2007.

DANTICAT, E. *Anacaona:* Golden Flower. New York: Scholastic Inc., 2005.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa:* mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FLECK, G. F. Leituras de narrativas híbridas de história e ficção: A formação do leitor literário decolonial no Ensino Fundamental – vias à descolonização. *In*: FLECK, G. F.; CORBARI, C. C. (org.). *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras*: leituras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 13-61.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação*: entre a tradição e o desconstrucionismo: releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

GENETTE, G. *Discurso da Narrativa*. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 2007.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017a.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. Tradução: Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017b.

MILTON, H. C. *As histórias da história:* retratos literários de Cristóvão Colombo. 1992. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (org.). *Colonialidade do saber:* eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

ROJAS, J. D. *Anacaona*: la última princesa del Caribe. Scotts Valley: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017.

TORREJÓN, J. M. M. *Bartolomé de Las Casas*: Brevísima relación de la destrucción de las Indias. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2011.

VALLEJO, C. V. de. *Anacaona*: la construcción de la cacica taína de Quisqueya: quinientos años de ideologización. Santo Domingo: Banco Central de la República Dominicana, 2015.

Decolonial reinterpretations of indigenous female resistance in Latin American history: literary representations of Anacaona

Abstract: The historical novel genre, through modalities that present a critical/decolonial perspective (FLECK, 2017), enables literary reinterpretations of characters hidden or subjugated by the hegemonic European historiography about the colonization of America (Aínsa, 1991; Esteves, 2010). One of the figures largely excluded from official records is Anacaona (Vallejo, 2015), a Taíno cacica who lived in Guanahaní, an island territory that currently comprises the nations of Haiti and the Dominican Republic. Although she does not appear significantly in the annals of history or in the Latin American collective imagination, Anacaona represents a symbol of female resistance against the Spanish colonization of the 15th and 16th centuries, as she led her people until being hanged and having her community decimated by Spanish colonizers. In this article, we present our comparative analysis of two literary works in which Anacaona is fictionally represented: *Anacaona, Golden Flower* (2015), by Edwidge Danticat, and *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), by Jordi Díez Rojas. As a result of bibliographic and documentary research, our objective in this text is to demonstrate how the image of this native leader is reinterpreted in different diegeses, comparatively analyzed with traditional historiographic documents such as *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), by friar Bartolomeu de Las Casas, and *De Orbo Novo* ([1530] 1912), by chronicler Pietro Martire d'Anghiera. Thus, we point to the potential for reinterpretation of the past in contemporary historical novels of mediation (Fleck, 2017), as decolonial literary projects.

Keywords: Contemporary historical novels of mediation; "Conquest" of America; Anacaona; decolonial studies.

Recebido em: 5 de outubro de 2024.

Aceito em: 7 de dezembro de 2024.